

## ADAPTAÇÃO DE EMPRÉSTIMOS DE ORIGEM JAPONESA NO PORTUGUÊS: UMA ANÁLISE PRELIMINAR

*Lara Bertazzo Richter*<sup>1</sup>

*Ana Livia Agostinho*<sup>2</sup>

### RESUMO

Este trabalho pretende oferecer uma análise preliminar da fonologia dos empréstimos linguísticos de origem japonesa no português brasileiro. A partir da construção de um *corpus*, se observará como ocorre a adaptação fonético-fonológica, silábica e acentual destes empréstimos. Sendo assim, analisaremos a adaptação do acento original ao padrão acentual do português brasileiro, uma vez que o japonês é uma língua de padrão *pitch-accent* (McCawley 1964), enquanto o português brasileiro é uma língua de padrão acentual *stress*. Além disso, observaremos processos fonológicos que ocorrem no processo de adaptação.

**Palavras-chave:** acento; sistema acentual, fonologia de empréstimos; japonês; português brasileiro.

### ABSTRACT

This research intends to offer a preliminary analysis of the loanwords phonology from Japanese

<sup>1</sup> Graduanda pela Universidade Federal de Santa Catarina com bolsa CNPq. E-mail: [larabertazol@gmail.com](mailto:larabertazol@gmail.com).

<sup>2</sup> Professora da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: [a.agostinho@ufsc.br](mailto:a.agostinho@ufsc.br)

to Brazilian Portuguese. Based on a *corpus*, we will observe the occurrence of the syllabic, accentual and phonetic-phonological adaptation of these loanwords. Therefore, we will analyze the adaptation from the original accent to the stress pattern of Brazilian Portuguese, considering that Japanese is a *pitch-accent* language (McCawley 1964), while Portuguese is a stress language. Besides that, we will observe the phonological processes that occur in the adaptation process.

**Keywords:** stress; accent; loanword phonology; Japanese; Brazilian Portuguese.

## Introdução

Este trabalho analisa questões fonológicas relacionadas a empréstimos linguísticos do japonês no português brasileiro, tais como adaptações fonético-fonológicas, silábicas e acentuais e processos fonológicos.

A relação entre o português brasileiro e o japonês é dividida historicamente por Kono (2001) em três etapas: a primeira no século XVI, período das navegações portuguesas, ocorrendo principalmente durante a tentativa de disseminação do cristianismo no Japão por missionários; a segunda durante a imigração japonesa de 1908 para o Brasil; e a terceira após o retorno de alguns dos descendentes destes imigrantes para o Japão em 1990. Em todas as etapas foram incorporados empréstimos por ambas as partes, porém o enfoque desta pesquisa é nos empréstimos do japonês para o português brasileiro. Entre estes empréstimos encontram-se expressões que se referem a diversos elementos da cultura japonesa, como “sushi”, “origami”, “judô” etc. Assim como os outros empréstimos tomados pelo português, estes são, em sua maioria, pertencentes à classe substantival (cf. Alves 1947).

Assumindo que o contato entre povos gera intercâmbio cultural e linguístico, toda língua está sujeita a inclusões no seu léxico durante este processo (Carvalho 2009). Estas inclusões são, portanto, chamadas de empréstimos linguísticos.

O empréstimo é o resultado da adaptação de um item lexical, introduzido na língua-alvo, por falantes que têm acesso à língua emprestadora (Paradis & Label 1994). O processo de nativização destes empréstimos envolve as adaptações feitas espontaneamente e sem objetivo de ser fiel à língua original pelos falantes da língua que está incluindo o empréstimo (cf. Carvalho 2009). O termo nativização denota a adaptação de um item lexical, introduzido na língua-alvo, por falantes que têm acesso à língua emprestadora (Paradis & Label 1994) e é regida por restrições fonológicas. Segundo

Holden (1976), a hipótese de que empréstimos teriam uma fonologia diferente do sistema nativo não se sustenta, uma vez que muitas regras fonológicas do sistema nativo são aplicadas aos empréstimos.

Tendo em vista que o estudo de empréstimos traz conhecimento da L1, pretende-se observar a fonologia do PB, considerando que fonologia de empréstimo envolve produção e percepção, sem possibilidade de separá-los (cf. Calabrese e Wetzels 2009). Para Holden (1976), “quando um falante nativo monolíngue é confrontado com material novo, podemos observar o modo como ele modifica esse material e assim podemos vislumbrar a natureza de suas restrições linguísticas”<sup>3</sup>. Além disso, Hyman (1970) assume que uma regra é produtiva se aplicada a palavras novas e argumenta que a nativização de elementos linguísticos é um indicador de quais regras são “reais” na língua receptora. Sendo assim, é possível observar como se comporta a língua que recebe empréstimos (L1) através das adaptações feitas (cf. Calabrese e Wetzels 2009).

Outra questão em relação aos empréstimos é a entrada via língua escrita ou língua falada. Segundo Araujo & Agostinho (2009), é possível encontrar pistas que ajudam a determinar por qual via a palavra entrou. Os autores exemplificam com as palavras “tricô” e “fricote”, ambas de origem francesa. Segundos os autores, a palavra “tricô” entrou no português via língua falada, pois é pronunciada [tʁi'ko] em francês e “fricote”, [fʁi'ko] em francês, entrou via língua escrita, uma vez que a consoante <t> não é pronunciada em francês nesse contexto. Esta questão será retomada na análise de dados.

O presente artigo está dividido da seguinte maneira: Na seção 2 apresentaremos os sistemas fonológicos do japonês e do português. A seguir, na seção 3, discutiremos a metodologia e, na seção 4, a análise dos dados. Finalmente, passaremos às considerações finais.

## 1. Os sistemas fonológicos do japonês e do português

O japonês possui cinco vogais fonológicas, sendo elas /i, e, a, o, u/ (cf. Labrune 2006), que são fonemas também no português. A vogal /u/, no entanto, é produzida como [u] no japonês, sendo mais centralizada que o [u] do português.<sup>4</sup> Além destas, o português possui ainda as vogais média-baixas [ɛ] e [ɔ] que não ocorrem em japonês. Em (1), podemos observar as vogais do japonês e do português:

---

3 Tradução nossa.

4 Porém, a realização fonética em japonês de [u] é mais próxima da de [u] do que aponta o IPA (Kubozono 2015).

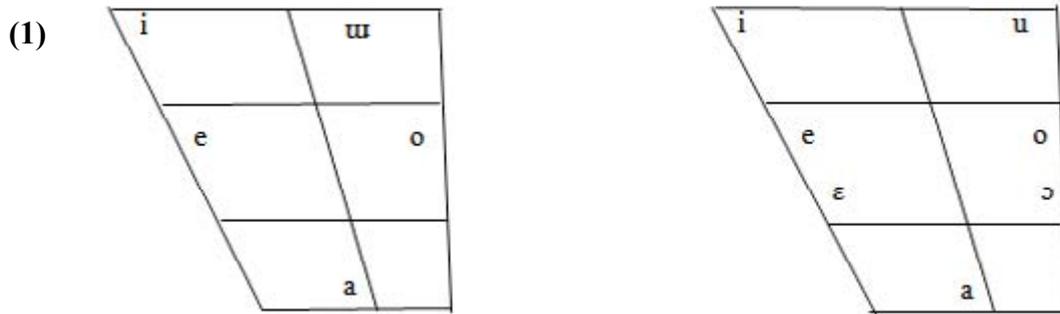


Figura 1: a) Vogais do japonês (Labrune 2006) e b) vogais do português brasileiro (Seara et al 2015).

Em japonês há um processo de desvozeamento de vogais entre consoantes surdas ou após consoante surda em final de palavra (Fujimoto 2015). Este fenômeno poderia influenciar a percepção de vogais com maior ou menor prominência, sendo que a vogal desvozeada não seria adaptada como tônica. No entanto, este processo não ocorre em todas as variedades de japonês e está relacionado com a velocidade da fala (Fujimoto 2015).

A seguir podemos observar as realizações fonéticas das consoantes do japonês e do português brasileiro:

	Bilabiais	Alveolares	Palatais	Velares	Uvulares	Glottais
Oclusivas	[p] [b]	[t] [d]		[k] [g]		
Fricativas	[ɸ]	[s] [z]	[ç] [ʒ]			[h]
Africadas		[ts] [dz]	[tç] [dʒ]			
Nasais	[m]	[n]		[ŋ]	[ɴ]	
Glides			[j]	[w]		
Líquidas		[r]				

Tabela 1: Consoantes do japonês (baseado em Labrune 2006).

	Bilabial	Labio dental	Alveolar	Alveo palatal	Retroflexo	Palatal	Velar	Uvular	Glotal
Oclusiva	[p][b]		[t] [d]				[k] [g]		
Nasal	[m]		[n]			[ɲ]			
Vibrante									
Tepe			[r]						
Fricativa		[f] [v]	[s] [z]	[ʃ] [ʒ]			[x][χ]		[h][ħ]
Africada				[tʃ] [dʒ]					
Lateral			[l]			[ʎ]			
Aproximante			[ɹ]		[ɻ]	[j]	[w]		

Tabela 2: Consoantes do português brasileiro (baseado em Seara et al 2015).

A partir dos dados acima, podemos observar que as consoantes do japonês [ɸ, ɛ, z, ts, dz, tɛ, dz, ŋ, ɴ] não estão presentes no português. Sendo assim, a expectativa é de que o fonema /h/<sup>5</sup>, realizado como [ɸ] antes de /u/ pela variedade conservadora e como [h] diante das demais vogais, e como [ɸ] diante de outras vogais em variedades contemporâneas (Rudell 2013), seja pronunciado como [f] pelos falantes de português diante de /u/, e como [h] nos demais contextos. No entanto, em nosso *corpus*, todas as palavras contêm [ɸ] diante de [u] em japonês. Segundo Labrune (2006), em japonês, a consoante /t/ é produzida como [t] antes de [a], [e] e [o], como [tɛ] antes de [i], e como [ts] antes de [u]. Assim também ocorre com a consoante /d/, produzida como [d] antes de [a], [e] e [o], como [dz] e [z] antes de [i] e como [dz] ou [z] antes de [u]. Já /s/ é realizado como [ɛ] diante de [i] e como [s] diante das outras vogais, assim como /z/ é realizado como [z] e [dz] diante de [i], como [z] junto às demais vogais, e, ocasionalmente, como [dz] diante de [u]. Espera-se que as consoantes citadas sejam reproduzidas no português como [ʃ] e [ʒ] em lugar das palatais [ɛ] e [z], e que ocorra palatização diante de [i] com a realização das africadas [tʃ] e [dʒ]. Em casos como “tsunami”, é provável que seja inserida a vogal [i], formando uma nova sílaba [ti] ou [tʃi], dependendo da variedade do falante. É esperado que a consoante /g/, produzida como uma nasal velar [ŋ] entre vogais e após outra consoante, seja realizada como [g] no português e não como uma consoante nasal.

Segundo Haraguchi (2003), a estrutura silábica do japonês segue o padrão em (2):

(2) (C) V (V) (X)

O (X) representa a nasal moraica ou a primeira consoante de uma geminada, que são os únicos elementos permitidos em coda. Os glides se comportam como consoantes na língua, ocorrendo apenas em posição inicial da sílaba, junto à consoante ou sozinhos (Tsujimura 2014). Não há consenso sobre ditongos no japonês fonologicamente. Labrune (2010) comenta haver a possibilidade de se falar em ditongos com a consideração de peso silábico em japonês, mesmo que não haja justificativa fonética. Portanto, para a autora, apenas definindo a existência de sílabas na língua ou não, e determinando o pertencimento ou não da vogal em questão (quer seja parte de um ditongo ou hiato) na unidade prosódica seria possível chegar a uma conclusão. Segundo o autor, existem apenas os ditongos transcritos como <ya>, <yo> e <yu>. Já Kubozono (2015) considera ditongos apenas /ai, oi, ui/, ditongos formados em contextos específicos. Consoantes obstruentes em japonês podem ser geminadas. Segundo Labrune

---

5 Tradicionalmente, [ɸ] é considerado variação complementar de [h], por estar presente apenas diante de [u]. Porém, empréstimos tomados pelo japonês do inglês, por exemplo, como “wife” são adaptados com [ɸ], sendo, então, possível que seja fonologicamente /f/ em vez de /h/ (Rudell 2013).

(2006), apenas geminadas desvozeadas são permitidas no vocabulário nativo, enquanto geminadas vozeadas ocorrem em empréstimos. A seguir, podemos observar as sílabas (cf. Kawahara 2016) possíveis em japonês<sup>6</sup>:

Sílaba em japonês	Exemplo
CV	[kabuki] ‘teatro <i>kabuki</i> ’
CVV	[ge:ça] ‘gueixa’
CGV	[kenkyo] ‘humildade’
CGVV	[kjo:ˈto] ‘Kyoto’ <sup>7</sup>
GV	[ço:jw] ‘shoyu’
GVV	[jo:zi] ‘palito de dente’
V	[anime:] ‘ <i>anime</i> ’
VV	[aikido:] ‘ <i>aikido</i> ’
CVN	[ra:ˈmen] ‘prato japonês com macarrão’
CVVN	[ko:ˈN] ‘milho’ ou ‘cone’ <sup>8</sup>
CGVN	[kjambasu] ‘tela’
GVN	[wampaku] ‘libertinagem’
GVVN	[ja:N] ‘fio’
....VC <sub>1</sub> .C <sub>1</sub> V....	[kappa] ‘figura mitológica’

**Tabela 3: Sílabas do japonês.**

No que diz respeito às sílabas, o português não possui vogais longas e consoantes geminadas em coda, com exceção do caso das geminadas fonológicas [ɲ] e [ʎ] (cf. Wetzels 2000). Sendo assim, é esperado o reparo das sílabas não permitidas (cf. Moura & Damulakis 2013), em que a vogal longa não será realizada e que a consoante geminada em coda será apagada, permanecendo apenas a consoante em onset da sílaba seguinte, como é o caso de *kappa* ‘figura mitológica’, sendo realizado como [ˈkapɐ] em português.

A existência da nasal em coda no português brasileiro é discutida por vários autores, como, por exemplo, Câmara Jr. (1977), que argumenta que as vogais do português são bifonêmicas, ou seja, são vogais seguidas por um elemento consonantal nasal. No entanto, o japonês não nasaliza a vogal antecedente. Além disso, a nasal em coda em final de palavra do japonês é uvular, ou seja, mais posterior que as consoantes nasais do português. A consoante nasal em coda pode sofrer assimilação do ponto de articulação da consoante seguinte em meio de palavra (Labrune 2006), tal como ocorre em

6 O padrão CGVVN não foi encontrado.

7 O diacrítico [ˈ] indica o local da queda de altura, sendo a sílaba anterior a acentuada.

8 Do inglês “korn” ou “cone”.

português. Conforme Mase (1987), mesmo brasileiros descendentes de japoneses produzem palavras como *obaasan* ‘avó’ com a vogal final nasalizada, ao contrário do japonês em que o /a/ e o /N/ são produzidos como vogal oral e consoante nasal em coda. Nesses casos, em português brasileiro, a coda nasal nasaliza a vogal antecedente e pode ocorrer a realização de murmúrio nasal.

Embora exista a noção de que o japonês seja uma língua de moras, como argumenta Labrune (2012) através da contagem métrica baseada em número de moras dos *haiku*, há autores como Kawahara (2016), que afirmam que a sílaba desempenha um papel essencial na língua japonesa, e McCawley (1978), que classifica o japonês como uma língua silábica com contagem em moras. Assumiremos neste trabalho a noção de Kawahara (2016) e McCawley (1978).

O sistema acentual do japonês é analisado tradicionalmente como *pitch-accent*, sendo observado primeiramente por autores como McCawley (1964), à luz da linguística gerativa. Posteriormente, Hyman (2007) questiona esta classificação em relação ao japonês, considerando, como outros autores (Martinet 1960, Garde 1967, Hyman 1977a, 2006, van der Hulst & Smith 1986, Hayata 1999 e Ding 2006 apud Hyman 2007) a existência de sistemas tonais e *stress-accent* apenas. É válido ressaltar que o japonês é classificado como uma língua tonal por diversos autores (Cf. Hyman 2007) e que a classificação de línguas *pitch-accent* é criticada por não constituir um protótipo e não poder ser analisada como um sistema intermediário entre *tonal* e *acentual* (Hyman 2007). Esse artigo não pretende focar nessa questão, uma vez que a língua analisada aqui é o português brasileiro. Sendo assim, utilizaremos a análise de Haraguchi e Kubozono, que classifica o japonês como uma língua de padrão *pitch-accent* e busca aprimorar a pesquisa inicial de McCawley. No entanto, enfatizamos que ambas as análises tomam o *pitch*, ou seja, o tom, como crucial no sistema fonológico do japonês.

Nesse sentido, uma língua *pitch-accent* se difere de uma língua *stress-accent*, como o português, pois “na primeira o acento é marcado pela altura, ou seja, pela frequência da onda sonora, enquanto que, na segunda, o acento é marcado pela intensidade, ou seja, pela amplitude da onda sonora e pela duração” (cf. Gordon 2014, apud Agostinho 2016). O sistema acentual do japonês de Tóquio segue o padrão “n + 1” (Haraguchi 2001), que corresponde à possibilidade de o acento de toda palavra cair em qualquer uma das sílabas ou da palavra não ter nenhum acento<sup>9</sup>. Para identificar a localização do acento, utilizamos [˘] indicando a queda de altura, ou seja, a sílaba acentuada é a anterior, como nos

9 A não obrigatoriedade de características como a possibilidade de palavras não acentuadas em todas as línguas *pitch-accent*, e conseqüente inconsistência de regras comparadas às de padrão tonal vs. padrão *stress*, é um dos argumentos de Hyman (2007, 2014) para questionar a sua utilização como classificação tipológica.

exemplos abaixo:

Transcrição Fonética	Análise tonal
[oriˈŋami]	origami (H-H-L-L)
[kokoˈro]	kokoro (H-H-L)
[kaki]	caqui (L-H)
[goɦaˈŋ]	gohan (H-H-L)

Tabela 4: Exemplo da transcrição fonética dos termos em japonês e análise tonal.

No caso do acento do português brasileiro, percebe-se que o acento só se posiciona nas três últimas sílabas, sendo preferencialmente paroxítonas as palavras terminadas em vogal, e oxítonas as terminadas em consoante (Collischonn 2005). Para Lee (2007), existe uma regularidade no acento dos não-verbos caracterizada por: o acento cair em uma das últimas sílabas, a sílaba pesada final atrair o acento, e o acento nunca corresponder à sílaba com a vogal temática. Embora o português seja visto às vezes como uma língua não favorável à sensibilidade de peso por não diferenciar duração de vogais, Wetzels (2003 e 2007) observa que existe, em não-verbos, tendência a que sílabas pesadas atraiam acento consideravelmente. Igualmente, Ferreira Netto (2001) sugere que o peso silábico determine o acento oxítono.

A sílaba no português brasileiro possui uma “pauta acentual” obrigatória, sendo mais forte, em ordem decrescente, a tônica, a pretônica e, por fim, a postônica (Câmara Jr. 1970). Já no japonês, é possível não haver uma sílaba predominante (Ito e Mester 2016), havendo ocorrência de palavras não acentuadas. Conseqüentemente, a diferença entre a realização de vogais entre os dois também será distinta, sendo que não há redução evidente de vogais postônicas no japonês, diferenciando-se do português, que apresenta alçamento das vogais médias nesta posição. Assim, espera-se encontrar diferença na realização de vogais átonas finais. Um exemplo disso é “anime”, pronunciado [anime:] em japonês e [aˈnimi] ou [aniˈme] no português, dependendo da variação de acento.

Resumidamente, as adaptações previstas são:

Japonês	Português	Exemplos no <i>corpus</i>
[u]	[u]	[sumo:] para [suˈmo] “sumô”
[ɸ]	[f] diante de [u] [h] diante das demais vogais	[to:ɸu] para [toˈfu] “tofu”
[ts]	[tʃis] ou [tis]	[tsunami] para [tʃisuˈnẽmɪ] ou [tisuˈnẽmɪ]
[dz]	[z]	[adzuki] para [aˈzuki]
[tɕ]	[tʃ]	[pikatɕu:] para [pikaˈtʃu]

[dz̥]	[ʒ]	[d͡z̥u:ˈdo:] para [ʒuˈdo]
[ç]	[ʃ]	[çimezi] para [ʃiˈmeʒi] “shimeji”
[z̥]	[ʒ]	[çimezi] para [ʃiˈmeʒi] “shimeji”
[ŋ]	[g]	[oriˈŋami] para [oriˈgẽmi] “origami”
...VV...	...V...	[sɯmo:] para [suˈmo]; [to:ɸu] para [toˈfu]
...C.C...	...C...	[seppɯku] para [sepuˈku]
[N] em coda	Vogal nasalizada	[ɯdoŋ] para [uˈdõ] “udon”
Vogal postônica	Vogal postônica reduzida	[anime:] para [aˈnimi]; [kimono] para [kiˈmonɔ] e [sakura] para [saˈkure] “sakura”
Acento <i>pitch</i>	Acento <i>stress</i>	todos os casos

Tabela 5: Adaptações esperadas.

## 2. Metodologia

Segundo Mase (1987), os imigrantes vindos do Japão no século XVI vieram, em sua maioria, do oeste japonês, sendo esta a variedade predominante na gramática e no léxico da língua japonesa falada no Brasil. Porém, o mesmo não ocorreu com o acento, sendo este mais influenciado pela região leste (equivalente à variedade de Tóquio, base da língua padrão). O autor não explica como chegou a esta conclusão, mas é conveniente aceitá-la pela quantidade escassa de material disponível referente a outras variedades que não a padrão. Por conseguinte, esta pesquisa toma o acento padrão de Tóquio como referência para a formação de dados.

Para formação da lista de empréstimos foram utilizados como fonte principalmente o *Guia da Cultura Japonesa* (2004) e a dissertação de Fujiwara (2014). As palavras foram consideradas como são pronunciadas isoladamente em ambas as línguas devido a alterações de acento por questões prosódicas, especialmente no japonês.

Feito o levantamento do *corpus*, foram analisados as relações entre os termos originais do japonês e os empréstimos no português com ênfase na questão do acento a fim de chegar a conclusões fundamentadas percentualmente. Com este intuito foi elaborada uma planilha de Excel com as seguintes colunas: (1) as palavras tomadas como empréstimo pelo português, (2) sua transcrição fonética em português, (3) o período de entrada conforme o Dicionário Houaiss, (4) a vogal tônica no português brasileiro, (5) a transcrição fonética em japonês com indicação da sílaba acentuada original (se houver) conforme o *NHK Nihongo Hatsuon Akusento Jiten* (Dicionário de Acento do Japonês), (6) o número de sílabas em português, (7) o número de sílabas em japonês, (8) o acento em

português, (9) a manutenção ou não da sílaba acentuada no processo de empréstimo, (10) a variação de pronúncia no PB e a (11) fonte do empréstimo.

O método do Dicionário Houaiss estabelece a datação das palavras de acordo com “a data do primeiro registro conhecido ou estimado de uma palavra, com indicação da fonte onde ocorre ou da primeira obra lexicográfica que a incluiu em sua nominata” (Houaiss e Villar 2001: XXI). Sendo assim, as datas no DH não são sempre precisas, pois a palavra já poderia estar sendo empregada na língua falada muito antes de ser efetivamente documentada. Sendo assim, é impossível saber exatamente quando uma palavra entrou no português via empréstimo.

Algumas palavras foram encontradas dicionarizadas com a ortografia portuguesa, como “caraoquê” e “cabotiá”, enquanto outras adentraram a língua por sistemas de romanização do japonês, denominados *romaji*, tal como o sistema Hepburn, um dos mais populares e muito utilizado para a romanização de palavras do japonês por falantes de língua inglesa. Exemplos de ortografias que seguem sistemas *romaji* são as palavras: “kokoro”, “moyashi” e “teriyaki”.

O *corpus* utilizado para este artigo é composto de 102 palavras, totalizando 121 entradas com as variações encontradas. A seguir é possível observar parte do *corpus* na planilha do Excel:

Palavra	Transcrição portuguesa	Período de entrada	Vogal tônica no PB	Transcrição japonês	Sílabas em português	Sílabas em japonês	Acento em português	Manutenção da sílaba acentuada	Variação?	Fonte
ABURA	[abu'ra]	?	[a]	[abura]	3	3	oxítone	não	não	Fujiwara
AIKIDO	[ajki'do]	1925	[o]	[aikido:]	3	5	oxítone	não	não	Almanaque
AISHITERU	[ajfite'ru]	?	[u]	[aiçite:ru]	4	6	oxítone	não	sim	Fujiwara
AISHITERU	[ajfi'teru]	?	[e]	[aiçite:ru]	4	6	paroxítone	não	sim	Fujiwara
ANIME	[ani'me]	?	[e]	[anime:]	3	4	oxítone	não	sim	Almanaque
ANIME	[a'nimi]	?	[i]	[anime:]	3	4	paroxítone	não	sim	Almanaque
ARIGATÔ	[ariga'to]	?	[o]	[a'riŋato:]	4	5	oxítone	não	não	Almanaque
AZUKI	[a'zuki]	?	[u]	[adzuki]	3	3	paroxítone	não	não	Almanaque
BAKA	['bake]	?	[a]	[ba'ka]	2	2	paroxítone	sim	não	comunidade otaku
BATIAN	['batfjã]	?	[a]	[oba:'san]	2	5	paroxítone	sim	sim	Almanaque
BATIAN	[batfj'ã]	?	[ã]	[oba:'san]	3	5	oxítone	não	sim	Almanaque
BENTÔ	[bêj'to]	?	[o]	[bento:]	2	4	oxítone	não	não	Almanaque
BIOMBO	[bi'ôbu]	1569	[ô]	[bio:bu]	3	4	paroxítone	não	não	Almanaque
BONSAI	[bô'saj]	DH?	[aj]	[bonsai]	2	4	oxítone	não	não	Almanaque
BUTÔ	[bu'to]	1960	[o]	[buto:]	2	3	oxítone	não	não	Almanaque
CABOTIÁ	[ka'botfje]	?	[o]	[kabotea]	3	3	paroxítone	não	sim	Almanaque
CABOTIÁ	[kabo'tfje]	?	[i]	[kabotea]	4	3	paroxítone	não	sim	Almanaque
CABOTIÁ	[kabotfj'a]	?	[a]	[kabotea]	4	3	oxítone	não	sim	Almanaque
CABÚQUI	[ka'buki]	1995	[u]	[kabuki]	3	3	paroxítone	não	não	Almanaque
CAQUI	['kaki]	1911	[a]	[kaki]	2	2	paroxítone	não	sim	Almanaque
CAQUI	[ka'ki]	1911	[i]	[kaki]	2	2	oxítone	não	sim	Almanaque
CARAOQUÊ	[karaw'ke]	1986	[e]	[karaoke]	3	4	oxítone	não	não	Almanaque
CARATÊ	[kara'te]	1995	[e]	[karate]	3	3	oxítone	não	não	Almanaque

Figura 2: Exemplo do *corpus*

### 3. Análise dos dados

Apresentaremos nesta seção a análise dos dados em relação à adaptação de vogais, consoantes, sílaba e acento dos empréstimos do japonês no português. Discutiremos, ao mesmo tempo, alguns processos fonológicos que ocorrem nestas adaptações.

As vogais longas são adaptadas como vogais tônicas em 87% dos casos, mesmo não sendo acentuadas em japonês, como “aikido” [ajki'do] (jap.<sup>10</sup> [aikido:]), “anime” [a'nimi] ou [ani'me] (jap. [anime:]), “sumô” [su'mo] (jap. [sumo:]) e “biombo” [bi'õbu] (jap. [bio:bu]). No caso de “biombo”, especificamente, ocorre uma nasalização, o que pode ser atribuído à vogal alongada e às propriedades da consoante [b], embora não seja possível estabelecer um padrão de processo fonológico. As exceções (os outros 13%) corresponderiam a proparoxítonas caso a vogal longa em japonês fosse adaptada como tônica, como em “shitake” [ʃi'taki] (jap. [ei:'take]), que é adaptada como paroxítona; ou a palavras com sílaba pesada à direita, como “kohai” [ko'haj] (jap. [ko:hai]) e “seitan” [sej'tẽ] (jap. [se:tan]), ambas oxítonas em português, indicando que a adaptação é sensível ao peso silábico. Isso parece estar ligado ao fato de que a duração é um dos correlatos acústicos do acento em português.

Vale ressaltar que o fato das palavras com vogal longa em japonês poderem ser romanizadas com <ei> para [e:] e <ou> para [o:]<sup>11</sup> contribui para a interpretação como sílaba pesada e como ditongos para palavras que entram via escrita, como em “shodou” (jap. [ɕodo:]), “nissei” (jap. [nise:]) e “gueixa” (jap. [ge:ea]), que podem ser pronunciados como [ʃo'dow], [ni'sej] e ['gejʃe] em português. Ao mesmo tempo, há casos como “karê” [ka're] (jap. [kare:]), que pode ser um exemplo de entrada via oralidade, uma vez que a palavra não possui o ditongo <ei>, como seria esperado caso tivesse entrado via escrita *romaji*, sendo posteriormente adaptada ortograficamente sem o ditongo em português.

Ainda em relação aos ditongos, foi possível observar uma adaptação ortográfica a representar o <ou> e <ei> do *romaji*, que equivaleria a uma vogal longa do japonês, como <ô> e <ou>, como em “tofu”, “butô”, “bentô”, “kendô”, “shodou”, e <e>, <ê> e <ei>, como em “anime”, “karê” e “sansei”, sendo <ô> e <ê> utilizado para palavras oxítonas que não apresentaram variação de acento na pronúncia.

---

10 Apresentaremos a transcrição fonética do japonês entre parêntese com a indicação *jap.*

11 Em japonês, para sílabas terminadas em [e] e [o], a regra geral indica que a vogal longa será indicada com  $\text{い}$  <i> e  $\text{う}$  <u>, respectivamente.

Nos casos de uma vogal [i] seguida de um ditongo decrescente iniciado por [j], como em “teriyaki” (jap. [terijaki]) e “sukiyaki” (jap. [sukijaki]), ocorre um processo de degeminação de [i] e [j], que não é realizado na sílaba acentuada: [teri'aki] e [suki'aki]. Apesar do português brasileiro não ter sílabas fonológicas GV, é possível encontrar essas sílabas realizadas foneticamente em empréstimo como [jaki'sobɐ] e [wa'sabi].

Palavras com hiato no japonês, como “taiko”, “kohai”, “haiku” e “hentai” são produzidas com ditongo em português, sendo a necessidade de o português acentuar uma das vogais que fazem parte do hiato a única explicação para este fenômeno. Além disso, como prevê Ferreira Netto (2001 e 2003), o acento oxítono seria provocado por sílabas pesadas nesta posição, assim, todos os ditongos posicionados em sílaba final, como “sansei” e “bonsai”, são acentuados, o que pode ser justificado por ser, de fato, uma sílaba pesada no português (cf. Costa 1978, Bisol 1992 e 1994, Wetzels 1992 e Massini-Cagliari 1995 apud Lee 1997). É possível ainda considerar uma forma de compensação, já que no japonês estas sílabas contariam como duas moras, “bonsai” [bõ'saj] (jap. [bonsai]), ou seja, o acento compensaria a maior duração do termo original.

Assim também, palavras com /N/ em coda na sílaba final foram acentuadas em 87% dos casos, com exceção apenas de “lâmen” [ˈlamẽj] (jap. [ra:ˈmɛn]), talvez por haver uma vogal longa na sílaba anterior. Além de corroborar com a hipótese de Ferreira Netto (2001), confirma a posição do autor quanto à consoante fonológica /N/ fazer parte do que entende-se peso silábico no português.

Em palavras com <s> entre vogais, representando o fone do japonês [s] em *romaji*, não foram encontrados casos de adaptação para [z], o que pode ser um indício de entrada via fala e posterior adaptação para a ortografia do português com <ss>, como por exemplo “decasségui” [deka'sɛgi] (jap. [dekasegi]) que é romanizado como “dekasegi” em *romaji*.

O *locus* do acento foi modificado em 90% dos dados, o que demonstra que, de fato, o falante brasileiro não reconhece o padrão de acentual do japonês e aplica restrições fonológicas de sua L1 na adaptação destes empréstimos, uma vez que o tom não é um correlato acústico do acento em português. Em nosso *corpus*, 57% das palavras foram adaptadas como oxítonas e 43% como paroxítonas, sendo que apenas 24% dos dados tinha acento originalmente. Nenhuma palavra do *corpus* foi adaptada como proparoxítona. Argumentamos que isso se deve ao fato do falante de português não aceitar que as vogais /a/, /e/ e /i/, e /o/ e /u/ não sejam realizadas em sua forma reduzida no fim de palavras (como [ɐ], [ɪ] e [ʊ]), percebendo-as, portanto, como oxítonas, em casos de entrada da palavra via oralidade,

além do fator da duração das vogais longas e peso silábico.

Muitos substantivos em japonês não são acentuados (mais de 50%, segundo Haraguchi 2001), como “caqui” [ka'ki] (jap. [kaki]), enquanto no português, o acento é obrigatório. Portanto, percebe-se que os falantes de português brasileiro não reconhecem e não reproduzem o acento lexical baseado em altura, assim como não produzem palavras não acentuadas como no japonês, adaptando as palavras com um acento tônico principal. Ao mesmo tempo, parecem reconhecer como acentuadas as vogais longas por conta da duração, que é um correlato acústico do padrão acentual do português brasileiro, juntamente com a intensidade, uma vez que “designamos como acento o resultado da conjugação das propriedades de duração e intensidade do som vocálico que marca uma sílaba mais “forte” (ou proeminente) na sequência fonética que constitui uma palavra” (Mateus 2004).

Na tabela abaixo é possível observar o núcleo das sílabas tônicas em relação ao padrão acentual:

	[i]		[e]		[ɛ]		[a]		[ɔ]		[o]		[u]	
Oxítonas	10	71%	5	62%	0	0%	9	43%	0	0%	13	60%	12	67%
Paroxítonas	4	29%	3	38%	3	100%	12	57%	3	100%	9	40%	6	33%
Total	14	100%	8	100%	3	100%	21	100%	3	100%	22	100%	18	100%

**Tabela 6: Ocorrências de oxítonas e paroxítonas em relação à qualidade da vogal tônica.**

Observa-se, de fato, uma tendência de que as vogais altas [u] e [i] atraiam o acento oxítono, como já apontado em Agostinho & Araujo (2007). O fato do padrão acentual do japonês diferir do sistema do português, somado ao fato de que 90% das palavras não mantêm o *locus* original do acento, demonstram que não haveria nenhum impedimento fonológico para a adaptação de “sushi” como paroxítona, como ocorre em inglês, por exemplo. No entanto, não é possível afirmar que a qualidade da vogal exerça, sozinha, uma influência na posição do acento, uma vez que já foi visto como outros fatores como peso silábico e duração influenciam em maior escala.

Não foi possível encontrar regularidade para explicar todas as ocorrências de paroxítonas com vogal final [i] e [u]. Há paroxítonas com sílaba tônica longa em japonês, como “tofu” [ˈtoɸu] (jap. [to:ɸu]) e “daijoubu” [dajˈzobu] (jap. [daizo:ˈbu]), que são acentuadas em português em uma de suas variantes. Parece haver uma tendência a palavras com três sílabas ou mais serem acentuadas como paroxítonas, como “harumaki” [haruˈmaki] (jap. [harumaki]). No caso de palavras com

vogais nasalizadas por onset, como as paroxítonas “origami” [ori'gãmi] (jap. [ori'ŋami]), “tsunami” [tʃisu'nãmi] (jap. [tsunami]) e a oxítone “kani” ['kãni] (jap. [kani]), não foi possível encontrar regularidade.

Este resultado vai de encontro com Agostinho & Araujo (2007), que demonstram que as palavras com acento final em português são, em sua maioria, derivadas da adaptação de empréstimos. Para os autores, “estas adaptações revelam que o padrão oxítono é uma característica da língua portuguesa desde os seus primórdios e não há nenhuma restrição que proíba a entrada de novas palavras oxítonas no português”. Sendo assim, através de nossa análise, podemos constatar que esse padrão ainda é produtivo em português.

Abaixo é possível visualizar as vogais nasalizadas presentes no *corpus*:

	[ĩ]		[ẽ]		[ã]		[õ]	
Oxítonas	0	0%	1	100%	3	25%	3	75%
Paroxítonas	1	100%	0	0%	9	75%	1	25%
Total	1	100%	1	100%	12	100%	4	100%

**Tabela 7: Número de ocorrências de vogais nasalizadas<sup>12</sup>.**

Em japonês, a coda [N] ocorre em 14% das palavras do *corpus*, o que explica o número reduzido de vogais nasalizadas nos empréstimos em português. No entanto, sempre que em japonês havia uma coda [N], o resultado foi uma vogal nasalizada por coda nasal em português, tanto em sílaba tônica como em sílaba átona. As sílabas finais com coda [N] em japonês foram acentuadas como oxítonas, como em “gohan” [go'hẽ] (jap. [goha'N]), “seitan” [sej'tã] (jap. [se:taN]) e “nihon” [ni'hõ] (jap. [nihoN]), sendo a única exceção “lámen” ['lamẽj] (jap. [ra:'meN]), que contém uma vogal longa em japonês.

Uma justificativa para a maior quantidade de vogais nasalizadas em posição tônica seria a hipótese bifonêmica de nasalidade (Mateus 1980 e 2000, Moraes & Wetzels 1992 e Rothe-Neves & Valentim 2012 apud Balduino 2017), em que teríamos na forma subjacente /VN/, ou seja, uma vogal e uma coda nasal. Assim, trabalhos como o de Sousa (1994 apud Balduino 2017) demonstram que estas vogais seriam mais longas, e, portanto, é possível que atraiam o acento de palavras como “tanka” ['tẽkẽ] (jap. [ta'ŋka]) e “nihon” [ni'hõ] (jap. [nihoN]), por exemplo, uma vez que a duração é um correlato fonético do acento em português.

<sup>12</sup> A vogal [ũ] não ocorre no *corpus*.

Cerca de 18% dos termos apresentaram variação na pronúncia, como “cabotiá”, produzida como [ka'botʃɐ], [kabo'tʃiɐ] ou [kabo'tʃi'a] (jap. [kabotea]). A presença de variação parece ser influenciada pelo conflito entre dois fatores influenciáveis no acento, como em “batian”, produzido ora como ['batʃiɐ], ora como [ba'tʃiɐ], em que a primeira forma segue a original (jap. [oba:'san]) em questão de duração do acento no português e vogal longa do japonês, enquanto a segunda forma prevalece a última sílaba pesada fonologicamente. Assim, palavras que não apresentam esse conflito, como “temaki” [te'maki] (jap. [temaki]) ou “caratê” [kara'te] (jap. [karate]), não possuem variação.

Portanto, conclui-se que há uma tendência no português quanto à questão acentual, relacionado ao fator de duração, observado na adaptação de vogais longas, e ao fator de peso silábico, identificado na adaptação de hiatos e nasal moraica.

Foram observados casos de inserção de vogal epentética em palavras com [ts] em japonês e posterior palatalização: “matsuri” [matʃi'suri] (jap. [matsuri]) e “tsunami” [tʃisu'nɛmi] (jap. [tsunami]), uma vez que [ts] não é parte do sistema consonantal do português. A vogal inserida é a *default* [i], que alimenta o processo de palatalização de /t/, sendo realizado como [tʃ].

Quando em contexto favorável, as palavras com ditongo podem ser produzidas de forma monotongada, como “gueixa” ['geʃɐ] (jap. [ge:ɛa]), uma vez que o contexto da consoante seguinte desencadeia o processo, recorrente no português (Peixoto 2011), em casos como “peixe” e “caixa”. Já em palavras como “seitan” [sej'tɛ] (jap. [se:tan]), onde o contexto não desencadeia a monotongação, ela não ocorre.

Os hiatos do japonês, mais comuns do que ditongos na língua (Kubozono 2015), sofrem ditongação no português em palavras como “samurai” [samu'raj] (jap. [samurai]), “taiko” [taj'ko] (jap. [taiko]), “senpai” [sɛj'paj] (jap. [sempai]). Como já mencionado, todas as adaptações com ditongo final foram acentuadas.

Foi constatada, além disso, a assimilação regressiva de nasalidade em vogais tônicas seguidas por consoante nasal em onset da sílaba seguinte, como em “katana” [ka'tɛnɐ] (jap. [katana]), “dorama” [do'rɛmɐ] (jap. [dorama]) e “harussame” [haru'sɛmi] (jap. [harusame]). Esse processo não ocorre em japonês, em que as vogais permanecem orais.

As vogais átonas finais são reduzidas no processo de adaptação, como em “kimono” (jap.

[kimono]) para [ki'monɔ], “harussame” (jap. [harusame]) para [haru'sẽmi], “kamaboko” (jap. [kamaboko]) para [kama'bokɔ], “kokoro” (jap. [koko'ro]) para [ko'korɔ] e “shitake” (jap. [ɕi:'take]) para [ʃi'taki]. Nota-se que este processo pode ocorrer mesmo empréstimos com vogal longa em última sílaba, como “anime” (jap. [anime:]) com a variação [a'nimi].

Foi observado ainda, o abaixamento de vogais médias em posição tônica em palavras formadas por derivação, opondo-se ao termo original sem o sufixo, em “judoca” [ʒu'dɔkɐ] (jap. [dzɯ:'do:ka]), vindo de “judô” [ʒu'do] (jap. [dzɯ:'do:]) e “carateca” [kara'tekɐ] (jap. [karateka]), vindo de “caratê” [kara'te] (jap. [karate]), e “aikidoka” [ajki'dɔkɐ] (jap. [aikido:ka]), havendo mudança de sílaba acentuada e qualidade da vogal.<sup>13</sup> Estas formas entraram no português já com o sufixo, apesar de sua transparência semântica em relação ao termo derivado, uma vez que o sufixo {ka} não é produtivo em português.

Quanto à adaptação silábica, por meio da contagem de sílabas do português e de moras do japonês, foi possível verificar uma tendência à redução de segmentos em português e de sílabas, como hiatos produzidos como ditongos, vogais longas produzidas como curtas e geminadas produzidas como uma só consoante. Alguns exemplos são: “taiko” [taj'ko] (jap. [taiko]), “sumô” [su'mo] (jap. [sumo:]) e “seppuku” [sepu'ku] (jap. [seppuku]). Assim, houve sempre um número igual de sílabas/mora ou um número maior de moras nos termos originais do que sílabas no português, como é possível visualizar nas tabelas abaixo:

Moras do japonês	Porcentagem
2 moras	11%
3 moras	48%
4 moras	33%
5 moras	7%
6 moras	1%
Total	100%

**Tabela 8: Número de moras nos termos originais do japonês.**

<sup>13</sup> Embora não relacionado ao contexto específico observado neste trabalho, Irigoite (2011) analisa este processo de alçamento como diretamente relacionado à posição do acento.

Sílabas do português	Porcentagem
1 sílaba	2%
2 sílabas	46%
3 sílabas	37%
4 sílabas	15%
Total	100%

**Tabela 9: Número de sílabas dos empréstimos do português.**

É possível observar que o padrão mais recorrente das palavras em japonês é de três moras, enquanto que o padrão mais recorrente dos empréstimos em português é de duas sílabas. Ainda assim, há pouca necessidade de manutenção em relação à estrutura silábica, considerando a forte preferência do japonês à estrutura CV, que não apresenta estrutura estrangeira ao português. Diferente disso, por exemplo, são as palavras vindas do inglês, cuja estrutura silábica demanda mais estratégias de adaptação por não ter reflexo no português, sendo a inserção de vogal epentética e apagamento as mais comuns (Freitas & Neiva 2006). Assim, palavras de uma sílaba como “world” do inglês, podem ter até três segmentos na coda, exigindo mais estratégias de adaptação ao português do que as palavras do japonês.

Quanto ao período de entrada no português, retirado do Dicionário Houaiss, apenas se tem registrado a data aproximada de cerca de 32% dos empréstimos. Na tabela abaixo é possível visualizar a distribuição percentual de empréstimos por século:

Século XVI	6	16%
Século XVII	1	1%
Século XIX	4	11%
Século XX	28	72%
Total	39	100%

**Tabela 10: Século de entrada dos empréstimos conforme o Dicionário Houaiss.**

Apesar de termos um número insuficiente de empréstimos com datação para se chegar a alguma conclusão precisa, é possível notar a predominância de registros no século XX, período do pico da imigração japonesa no Brasil. É notável a presença de elementos da culinária japonesa, como “yakisoba”, “sushi”, “sake” e “caqui”, por exemplo, assim como termos relacionados aos esportes japoneses, como “sumô”, “aikidô”, “caratê” e “judô”, possivelmente incorporados no século XX. Já

outros, como “anime”, “mangá”, “kokoro”, “kawaii” e “aishiteru” são provavelmente incorporações mais recentes e ainda não estão dicionarizados. Dentre estes, destacam-se os nomes de Pokémons<sup>14</sup>, como “Pikachu”, “Jigglypuff”, “Caterpie”, “Blastoise”, “Raichu” e “Bulbasaur”, recentemente mais difundidos pela mídia.

### Considerações finais

À guisa de conclusão, retomamos os principais procedimentos e resultados desta pesquisa. Com intuito de observar o comportamento dos empréstimos tomados do japonês pelo português, foi organizada uma lista de termos incluindo sua pronúncia no português, sua variação (quando encontrada), o período de entrada no léxico, a vogal tônica no português, a pronúncia original em japonês, contagem de sílabas em português e em japonês, acento em português, entre outros. A partir disso, observando os dados, obtivemos alguns resultados relevantes. Da tabela 5, concernente às adaptações previstas, não houve dados que fossem contra as previsões sugeridas.

Não foi identificada uma relação clara entre qualidade da vogal tônica no português e acento, exceto uma tendência às vogais [u] e [i] atraírem o acento oxítono, como previsto por Araujo & Agostinho (2009). Demonstramos, assim, que o padrão oxítono está ativo na língua (cf. Hyman 1970, Calabrese e Wetzels 2009).

Quanto à adaptação do acento, de todos os empréstimos, 90% não corresponderam ao acento original, o que demonstra que mudança de tom não é um fator reconhecido e/ou reproduzido pelo falante de português. Houve preferência por oxítonas, sendo 57% do *corpus*, o que contraria a predominância de paroxítonas na língua. Como justificativa, foi levantada a hipótese de que o falante, ao ouvir vogais não reduzidas ao fim da palavra, reconheçam como uma sílaba acentuada. Além disso, os resultados confirmam a hipótese de Ferreira Netto (2001) concernente ao peso silábico ser responsável pelo acento em oxítonas, tanto com relação a ditongos quanto à nasal fonológica, como em “samurai” [samu'raj] (jap. [samurai]) e “gohan” [go'hẽ] (jap. [goha`N]). Também deve-se considerar que o falante de português possa reconhecer, nestes casos, o maior número de moras em japonês, e compensar com o fator de duração do acento.

O fato do acento no português ter como um dos correlatos acústicos a duração se mostra

---

14 Os nomes de Pokémons não fazem parte de nosso *corpus* porque não foi possível verificar seu acento em japonês, com exceção da palavra ‘Pikachu’.

relevante em palavras com uma vogal longa, adaptadas como tônicas em 87% dos casos, como em “sumô” [su'mo] (jap. [sumo:]), sendo exceções a esta regra apenas palavras que corresponderiam a uma proparoxítona no português.

Pelos dados obtidos, percebe-se que palavras com variação (18% do total) ocorrem, em hipótese, por terem mais de um fator que atrairia o acento, gerando conflito. Um exemplo disso seria o empréstimo “batian” [ˈbatʃjẽ] ou [batʃi'ẽ] (jap. [oba:ˈsan]) respeitando a regra de duração no português compensando a vogal longa do japonês em um caso, ou prevalecendo a última sílaba pesada fonologicamente no segundo caso. Para analisar os casos de variação, seria necessário um estudo de frequência de cada variante.

Com relação a processos fonológicos, nota-se, principalmente, a ditongação dos hiatos do japonês, como em “samurai” [samu'raj] (jap. [samurai]) e a redução das átonas finais, como em “kimono” [ki'monɔ] (jap. [kimono]). Foram também observados alguns casos de inserção de vogal epentética, como em “tsunami” [tʃisu'nẽmi] (jap. [tsunami]), assimilação de nasalidade em tônicas, como em “dorama” [do'rẽmɐ] (jap. [dorama]). Além disso, houveram casos de monotongação, como em “gueixa” [ˈgefɐ] (jap. [ge:ea]) e abaixamento de vogais médias em posição tônica ao se adicionar o sufixo do japonês, como em “judoca” [ʒu'døkɐ] (jap. [dzɯ:ˈdo:ka]), vindo de “judô” [ʒu'do] (jap. [dzɯ:ˈdo:]).

Devido à contagem de moras nos dados do japonês em vez de sílabas, como no português, foi possível observar a supressão de segmentos, como a nasal [N], as geminadas e as vogais longas. Portanto o número de moras foi, simplificada, uma a mais do que o número de sílabas do português, sendo mais comuns duas sílabas e três moras (46% e 48%, respectivamente).

Segundo os dados encontrados no Dicionário Houaiss, o período de maior ocorrência de empréstimos foi durante o século XX, o que condiz com o momento de maior imigração japonesa, sendo, em sua maioria, campos lexicais relacionados a culinária, esportes e entretenimento de origem japonesa contemporâneo. É possível também determinar a forma de entrada de alguns termos, como é o caso das palavras que entraram pelo sistema de escrita *romaji*, como “nissei” [ni'sej] (jap. [nise:]), que segue o padrão de adaptação de <ei> no lugar da vogal longa, diferente de outros casos como “karê” [ka're] (jap. [kare:]), que provavelmente entrou pela oralidade, já que não segue este padrão.

A partir da análise dos dados, constatou-se que o léxico estudado é nativizado segundo o padrão

linguístico da língua receptora e não apresenta um sistema fonológico diferente (cf. Hyman 1970; Paradis & Label: 1994; Paradis 1996; Kenstowicz 2001; Kenstowicz & Suchato 2004).

## REFERÊNCIAS

Agostinho, A. L. (2016) *Fonologia do lung'le*. Lincom.

Agostinho, A. L. & Araujo, G. A. (2007). Um Estudo Estatístico Sobre as Oxítonas no Português. *Signótica*, v. 19, n. 2, p. 177-208.

Araujo, G. A & Agostinho, A. L. (2009). Nativização e Manutenção de Acento Oxítono em Português. *Signótica* 21:305-40.

Alves, I. (2007). *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática.

Aragaki, B., Mizuta, E. & Tanoue, L. (2004). *Guia da Cultura Japonesa*. JBC: São Paulo.

Balduino, A. (2017). *A nasalidade no português de STP*. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa – Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa). Universidade de São Paulo, São Paulo.

Calabrese, A. & Wetzels, L. (2009). Loan Phonology: Issues and controversies. In Calabrese, A. & Wetzels, L. (org.) *Loan Phonology*. Amsterdam: John Benjamins.

Câmara Jr., J. (1970). *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes.

Carvalho, N. (2009). *Empréstimos Linguísticos na Língua Portuguesa*. São Paulo: Cortez.

Collischonn, G. (2005). A Sílabas em Português. In Bisol, L. (org.) *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS.

Ferreira Netto, W. (2001). *Introdução à Fonologia da Língua Portuguesa*. São Paulo: Hedra.

Freitas, M. & Neiva, A. (2006). Estruturação silábica e processos fonológicos no inglês e no português: empréstimos e aquisição. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. v. 4, n. 7.

Fujimoto, M. (2015). Vowel devoicing. In Kubozono, H. (ed.) *Handbook of Japanese Phonetics and Phonology*. Berlin: De Gruyter.

Fujiwara, E. (2014). *A criação de neologismos de base japonesa por falantes de português*. 143 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos – Programa de Pós-Graduação em Letras). Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Três Lagoas.

Haraguchi, S. (2003). The phonology-phonetics interface and Syllabic Theory. In Weijer, Heuven & Hulst (eds.) *The Phonological Spectrum - Volume II: Suprasegmental Structure*. Amsterdam: John Benjamins.

Haraguchi, S. (2001). Accent. *The Handbook of Phonological Theory*. Goldsmith, John A. Blackwell Publishing.

Holden, K. (1976). Assimilation Rates of Borrowings and Phonological Productivity. *Language*, v. 52, n. 1, p. 131-147.

Houaiss, A. (2009). Grande Dicionário Houaiss. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br>. Acesso em 29 dez. 2017.

Hyman, L. M. (1970). How concrete is phonology? *Language*, v. 46, n. 1, p. 58-76.

Hyman, L. M. (2007). How (not) to do Phonological Typology: The Case of Pitch-Accent. *UC Berkeley Phonology Lab Annual Report*, California, p. 654-685.

Hyman, L. M. (2014). Do all languages have word accent? In H. Van der Hulst (ed.) *Word Stress: Theoretical and Typological Issues*. Cambridge: Cambridge University Press.

Irigoite, J. (2011). O Acento no Português: Estudo de Três Processos Fonológicos na Produção de Falantes do Português Brasileiro. *Working Papers em Linguística* 12(2): 95-109.

Ito, A. & Mester, J. (2016). Unaccentedness in Japanese. *Linguistic Inquiry*, Massachusetts, v. 47, n. 3, p. 471-526.

- Kawahara, S. (2016). Japanese has syllables: A reply to Labrune (2012). *Phonology* 33(1): 169 – 194.
- Kenstowicz, M. (2001). The role of perception in loanword phonology. *Linguistique Africaine* n. 20.
- Kenstowicz, M. & Suchato, A. (2006). Issues in loanword adaptation: A case study from Thai. *Lingua*, n. 116, p. 921-949.
- Kono, A. (2001). Portuguese-japanese language contact in 16th century Japan. *Bulletin of Portuguese – Japanese Studies*, Lisboa, v. 3, p. 43-51.
- Kubozono, H. (2015). Introduction to Japanese phonetics and phonology. In Kubozono, H. (ed.) *Handbook of Japanese Phonetics and Phonology*. Berlin: De Gruyter.
- Labrune, L. (2006). *La Phonologie du Japonais*. Leuven: Peeters.
- Labrune, L. (2012). *Questioning the universality of the syllable: evidence from Japanese*. *Phonology* 29:1, Cambridge University Press, p. 113-152.
- Lee, S. (2007). O acento primário no português: uma análise unificada na teoria da otimalidade. In Araújo, G. (org.) *O Acento em Português: Abordagens Fonológicas*. São Paulo: Parábola.
- Mase, Y. (1987). A língua japonesa dos imigrantes japoneses e seus descendentes no Brasil. *Estudos Japoneses*, São Paulo, v. 7, p. 137-146.
- Mateus M. (2004). *Estudando a melodia da fala: traços prosódicos e constituintes prosódicos*. Conferência realizada no Encontro sobre O Ensino das Línguas e a Linguística. Setúbal.
- McCawley, J. (1964). *The Accentual System of Standard Japanese*. Tese (Doutorado em Filosofia). Massachusetts Institute of Technology.
- McCawley, J. (1978). What is a tone language? In Fromkin, V. (ed.) *Tone: a linguistic survey*. New York: Academic Press.

Moura, B. & Damulakis, G. (2013). Reparos de Empréstimos ao Vernáculo. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro, n. 57, p. 907-914.

Nippon Hoso Kyokai [NHK] (1943). *NHK nihongo hatsuon akusento jiten*. Tokyo: Nippon Hoso Shuppan Kyokai.

Paradis, C. (1996). The inadequacy of Filters and Faithfulness in Loanword Adaptation. In Jacques Durand & Bernard Laks (eds.). *Current Trends in Phonology: Models and Methods*. University of Salford Publications, Salford, p. 509-534.

Paradis, C. & Label, C. (1994). Contrasts from segmental parameter settings in loanwords: core and periphery in Quebec French. *Proceedings of the MOT Conference on Contrasts in Phonology*. Toronto Working Papers in Linguistics, v. 13, p. 75-94.

Peixoto, J. (2011). O ditongo em português: história, variação e gramática. *Revista Linguística*. Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 48-52.

Rudell, S. (2013). *An acoustic study of the Japanese voiceless bilabial fricative*. San Francisco State University.

Seara, I., Nunes, V. & Lazzarotto-Volcão, C. (2015). *Para Conhecer Fonética e Fonologia do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto.

Wetzels, L. (2000). Consoantes palatais como geminadas fonológicas no Português Brasileiro. *Revista de Estudos Linguísticos*. Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 5-15.

Wetzels, L. (2003). On the Weight Issue in Portuguese: A Typological Investigation. *Letras de Hoje*, 134: 107-133.

Wetzels, L. (2007). Primary Word Stress in Brazilian Portuguese and the Weight Parameter. *Journal of Portuguese Linguistics*, Ubiquity Press, 5/6, p. 9-58.